

Adelino Torres

Histórias do tempo volátil



**Prefácio de Alfredo Margarido
Ilustração da capa de Eleutério Sanches**



Edições Colibri

*Prefácio do Professor
Alfredo Margarido*

*Ilustração da capa
do artista angolano
Eleutério Sanches*

Nota prévia ao “prefácio” do Professor Alfredo Margarido

*Solicitei há uns meses a Alfredo Margarido um prefácio para **Histórias do tempo volátil**, o qual aceitou com a generosidade que sempre o caracteriza. Infelizmente o seu estado de saúde não lhe tem permitido prepará-lo como desejaria. Tomei então a decisão de incluir neste livro, em jeito de “prefácio” o artigo que o mesmo tinha publicado em Dezembro de 2008 na revista *Latitudes – Cahiers Lusophones*, Paris, nº 34, pp. 99-101. Esse trabalho integralmente transcrito intitulava-se: «“Uma fresta no tempo” seguida de “Ironias” de Adelino Torres» e referia-se ao meu anterior livro¹.*

O desejo de associar o nome do Alfredo Margarido a este livro, traduz principalmente mais de 50 anos de amizade e admiração por um autor cuja obra está dispersa pelo mundo inteiro, em revistas, livros e enciclopédias e que faz dele um dos grandes intelectuais portugueses da segunda metade do século XX, obra que a pátria - sempre distraída nestas coisas, como é costume – ainda não parece ter reparado. Durante mais de meio século os nossos caminhos cruzaram-se frequentemente em Angola, França e Portugal, sempre com proveito para mim. Por isso é uma honra e uma satisfação pessoal incluir aqui o seu nome e de lhe prestar assim uma homenagem. Acessoriamente, tentar com este novo trabalho não ser o tal “poeta bissexto” de que ele falou...

Adelino Torres

(Lisboa, Maio de 2009)

¹ Adelino Torres, *Uma fresta no tempo seguida de ironias*, Lisboa, Colibri, 2008, 145 p.

“Prefácio”

de Alfredo Margarido

Adelino Torres, se bem que nascido em Portugal, foi educado em Luanda onde pôde dar-se conta da persistência de um velho racismo, que é possível identificar em quase toda a literatura portuguesa que se ocupa dos problemas africanos em geral, dos luandenses em particular. Quer dizer que Adelino Torres cresceu e formou o seu comportamento, tanto psíquico como político, à sombra dos embondeiros que ainda não tinham sido destruídos sistematicamente pelos promotores e pelos construtores. Também na baía de Luanda ainda não tinham sido eliminadas as acácias, substituídas pelas palmeiras imperiais que o imperador D. Pedro II importara para o Rio de Janeiro. Já se iam desenhando as fronteiras modernas opondo as culturas e lembro-me do malogrado Dr. Américo Boavida explicando-me a maneira brutal como era tratado pelos colonos portugueses, que o rebaixavam sempre com o tu, que não era sinal de igualdade democrática, mas antes a designação que alimentava o racismo quotidiano.

O poeta revelou-se já nos anos finais do liceu, onde teve colegas militantes como o malogrado Carlos Octávio Belo que, de pseudónimo em pseudónimo, acabou por morrer como Belli-Belo, António Jacinto Rodrigues, Natércia Pacheco e outros que nos anos subsequentes, tendo vivido a surpresa da guerra de Batepá - que encontrou pouco eco em Angola, mau grado a ferocidade antropofágica do governador Carlos de Sousa Gorgulho – em Fevereiro de 1953, primeiro grave sinal do futuro próximo. A tensão interna, enriquecida pelas muitas independências das jovens repúblicas africanas e dos movimentos ditos *étnicos*, como os mau-maus, forneceram a faísca que acendeu a fogueira da guerra, primeiro em Luanda, com o ataque à

prisão de S. Paulo, prisão *indígena* por excelência, a 4 de Fevereiro de 1961. Ataque frustrado, mau grado as instruções Monsenhor Neves, mas abrindo novas perspectivas de combate, como mostraram a partir de 15 de Março os ataques levados a cabo pelas populações do norte, essencialmente Bakongos, e enquadrados pela UPA – União dos Povos de Angola. A violência algo desumana dos ataques dos angolanos procuravam um efeito: tornar a guerra de independência inevitável, como de facto aconteceu.

Muitos militantes, ou antes muitos nacionalistas, já tinham abandonado o país para não serem as vítimas preferenciais da réplica dos colonos, cuja crueldade apareceu de maneira clara, quando as forças portuguesas, sob a orientação de Oliveira Salazar, avançaram para Angola *em força*. Estava assim instalada a guerra de guerrilha que só terminou devido à chamada *revolução dos cravos* a 25 de Abril de 1974.

Com os seu amigos da FUA – Frente de Unidade Angolana – que pretendia mobilizar os brancos e os mestiços para reforçar a espessura do combate, Adelino Torres passou por Lisboa para se instalar durante algum tempo na Argélia, onde Pepetela que pertencia a este grupo e não ao MPLA, trabalhou na organização de uma História de Angola². O documento que, pelo menos por enquanto, melhor analisa o percurso do grupo e das personalidades que o constituíam, é as *memórias* do também malgrado Sócrates Dáskalos³.

² Julgo que essa “História de Angola” teve também a colaboração de Adolfo Rodrigues Maria e de Henrique Abranches, e só foi iniciada depois da cisão e desaparecimento da FUA, factos que são relatados no livro de Sócrates Dáskalos publicado em 2000. Ver indicação bibliográfica na nota seguinte (A.T)

³ Sócrates Dáskalos, *Um testemunho para a História de Angola*, Lisboa, Veja, 2000, 276 p. (A.T.).

Inserido no ensino secundário francês⁴, A. Torres aproveitou a fresta aberta no espaço político português para regressar a Portugal onde foi nomeado professor de economia no ISEG. A sua carreira de escritor assinala-se pelos muitos textos que consagrou a esta ciência, quase todos editados pela Regra do Jogo, exceptuando a sua tese de doutoramento.

É raro que os especialistas das ciências ditas exactas se empenhem na criação poética, registando-se uma espécie de paradigma negativo: o rigor dos números seria incompatível com a plasticidade das palavras. No caso português contam-se pelos dedos das mãos os poetas dispendo de um treino matemático, mesmo tratando-se da matemática posta ao serviço da economia. Havendo nesse espaço preconceitos singulares, como no caso de Bocage, de quem se ignora o treino recebido na Academia de Marinha, cujo carácter científico se reflecte em muitos aspectos da criação poética bocagiana. Prefere-se optar pela poesia **erótica** que tanto parece ter entusiasmado os seus leitores. Pelo que o representante das ciências exactas foi José Anastásio da Cunha, tendo-se verificado no século XX uma multiplicação de poetas com uma formação visando as ciências exactas, tais Mário Saa, Júlio Reis Pereira (Saul Dias), José Blanc de Portugal, Jorge de Sena, Alexandre Pinheiro Torres, Fernando Morgado e muitos outros que esperam um estudo especial. Adelino Torres pertence aos especialistas de economia que não podem separar-se do conhecimento matemático para concentrar a evolução económica em alguns logaritmos. Tal como o poema condensa no verso o objectivo visado pelo poeta. O livro⁵ divide-se em duas partes desiguais - a primeira conta 87 páginas

⁴ Sucessivamente nos Liceu François Couperin e François I de Fontainebeau (A.T.)

⁵ Alfredo Margarido refere-se, bem entendido, ao meu anterior livro: *Uma fresta no tempo seguida de ironias*, Lisboa, Colibri, 2008 (A.T.).

– a segunda – as Ironias – conta apenas 51. Bem sei que se os nomes não se medem aos palmos, a poesia não se pode medir nem entender referindo-nos à dimensão do verso ou ao número de páginas do volume. Já terá mais importância conhecer o ritmo da redacção, mas para o conseguir faltam-nos as datações, pelo que estamos na impossibilidade de saber se A. Torres é um poeta *bissexto*, para recorrer à bela classificação inventada por Manuel Bandeira, ou se é poesia como um rio que corre, que pode ser, maugrado as reservas de Alberto Caeiro, “O rio da minha aldeia”, mesmo quando esta estava toda incluída no Largo lisboeta do Directório. O mais significativo reside contudo no facto de o poeta, hoje com quase 70 anos, manter e mesmo reforçar o sopro poético que possuía quando contava escassos 18-20 anos. A poesia não é intemporal pelo que podemos considerar-nos algo frustrados quando o poeta não nos fornece indicações cronológicas. Por exemplo da segunda parte, portador dum título tão subtil quanto pragmático, *Postal souvenir* (p.92-93), pois se trata de um poema de emigração, descrevendo uma cena ocorrida no café parisiense Luxembourg, que durante anos abrigou os anarquistas, havendo cafés no Quartier Latin para as muitas outras opções políticas dos exilados – que convém sempre não confundir com os emigrados, como ainda continua a fazer-se. As correntes anarquistas aproveitaram o influxo do Maio de 1968, que simultaneamente serviu para desacreditar algumas etiquetas políticas, como os comunistas – que ainda dispunham da ira visceral do Dr. Álvaro Cunhal – e os socialistas, sobretudo devido à figura e à acção do Dr. Mário Soares.

Todavia, o eixo central desta poesia depende da relação entre o ser e o tempo numa linha filosófica que se organiza nos anos finais do século XIX, primeiros anos do século XX, alimentada pela obra filosófica de Husserl, de Martin Heidegger mas também, mais tarde, de Jean-Paul Sartre, que cunhou o conceito de contingência. Por razões afectivas, A. Torres que foi

durante muitos anos colaborador da revista *Esprit* teve em Paul Ricoeur não só um conhecido, mas sobretudo um amigo e um mestre. Conheci Ricoeur menos bem que A. Torres, que organizou, depois do 25 de Abril, uma reunião em Châtenay-Malabri, que permitiu pôr a nu alguns dos embaraços da pseudo-revolução de Abril. Pau Ricoeur insistiu, então e depois, que eu escrevesse o livro em que pretendia pôr a nu o desconhecimento que os militares demonstravam nas relações com a sociedade civil, pois se podiam já enunciar e anunciar os tropeços da construção de uma nova maneira de entender a sociedade portuguesa. Ainda comecei a escrever esse livro com a colaboração de Humberto Belo que, nesses tempos, era um dos mais finos analistas do facto político nacional.

O homem é forçado antes de mais a dar-se conta de dois factos primordiais: o peso do tempo que determina a nossa gravidade, intelectual e física, e os “limites do tempo” (p. 64). A fórmula é evidentemente paradoxal, pois o tempo é sem começo nem fim, embora o homem, que não se pode furtar a uma situação subsidiária do tempo, não possa esquivar-se aos limites da sua própria cronologia, nascimento e morte. Por mais que o homem procure escapar aos limites impostos pelo tempo, a verdade é que o ser não pode construir-se sem levar em conta o facto de o tempo individual ser finito (p.16). Essa finitude não passa contudo de uma construção dos homens, necessária para pôr em evidência o seu peso abrupto. É contudo no poema intitulado *Utopia e finitude* que se concentra o impulso dinâmico desta poesia (p. 74). A Utopia foi integrada no sistema do pensamento do Ocidente por Thomas Morus – a quem o rei Henrique VIII mandou cortar a cabeça na Torre de Londres, sem contudo estar em condições de pensar que a proposta de Morus seria mais significativa do que o seu reinado e as suas histórias de mulheres.

O facto do poema associar dois termos que se contradizem, salienta a importância do tempo sem o qual o homem seria incompreensível, mas que,

simultaneamente, lhe reduz as possibilidades de superar o *tempo que é ilusão* (p. 16), num poema que enuncia o que é a condenação dos homens colocados, desde que nascem, perante o *tempo finito*: embora no poema seguinte, simbolicamente intitulado *Balanço* (p. 16) , se enunciar a possibilidade de *suspender o tempo*. É claro que semelhante suspensão pode limitar-se a ser um desejo, tão profundo como necessário, mas inexequível. O tempo parece circular, mas a verdade é ser ele sempre cuidadosamente contado, cronologizado, deixando para trás a multiplicidade dos desejos. Trata-se do eixo central da poesia de A. Torres, mais afirmada na primeira parte, embora a segunda enuncie soluções de uma aspereza singular, como no poema que propõe uma “*receita infalível para a solução da crise*” (p. 119-122) que, como não podia deixar de ser, é um pouco – ou talvez muito – antropofágica: “*A solução é simples e das mais primárias / Bastaria para isso matar os pobres todos*”. Lembrando que se há quinhentas e tal maneiras de cozinhar o bacalhau, haverá certamente muitas mais para preparar “*maminhas de peixeiras*” que se devem servir um pouco tépidas, como recomendam os bons manuais consagrados a estas maneiras – inúmeras – de preparar o corpo humano para deleite dos especialistas da morte dos homens, dos carrascos profissionais aos militares, mesmo se milicianos. São vários os poemas consagrados a África, o que se integra na biografia de A. Torres que, já antes dos anos 1960, ainda estudante no Liceu de Luanda, previa a necessidade urgente da independência, denunciando a dureza do colonialismo. Pertencia ele então a um número muito reduzido de portugueses que, separando-se do ideário nacionalista, que se apoiava no luso-tropicalismo que Gilberto Freyre oferecera ao regime, e contava manter-se no poder, assegurando aos colonos os rendimentos que lhes davam mil e uma maneiras de explorar o *indígena*, ou seja o preto, que já nos anos 60 era frequentemente decapitado para que os soldados ou os colonos pudessem espetar a cabeça num pau para mostrar à

população branca e certamente também ao mundo que, tão certeira­mente, censurava o comportamento colonialista dos portugueses.

Esta observação leva-me a salientar a forte presença de Eros – inseparável todavia de Tanatos. Estar, implica, na reflexão portuguesa, o ser, consciente da finitude, que não pode nem deve ser integrada no campo tão vasto das necrofilias. Como se o poeta recusasse a força esmagadora do pensamento movido pela pulsão da morte. O próprio conteúdo da segunda parte revela a força criadora da ironia, que mantém alguma relação com o *wiz* freudiano, situação que não pode surpreender-nos dada a veemência com que estes poemas rejeitam qualquer excesso da pulsão da morte. A ironia ou o *wiz* só pode ser considerada manifestação da via, capaz de rejeitar toda e qualquer forma de autodestruição. Diríamos, *in fine*, que encontramos nesta poesia uma alacridade que mesmo reconhecendo a violência da finitude, se desloca com vigor e determinação fora do *death valey*. Confirmando neste caso a supremacia de Eros, que rejeita as formas flácidas que comprometem a substância íntima do ser.

1 - Seres inamovíveis

*Aos ditadores que cumpriram,
em gestas de sangue,
tragédias de fingidores
no teatro da desrazão*

A barca sem remorso dos seres inamovíveis
da autenticidade africana
que afugentou sábios e matou deuses,

navega por savanas sem destino
em séquito majestoso
num oceano de apetites
de ambição faustiana

abalroando multidões
a vaguear enlouquecidas
nas planícies do esquecimento
onde o silêncio afoga a dor
e queima o respirar
por entre ervas daninhas
que se contorcem mordidas
pela memória do sol
no seu abraço armilar.

Milagre! Milagre! exclamam
com ciência pastoral
boas almas reunidas
na assembleia geral
dos exilados do tempo

ao verem passar a barca
dos fantasmas triunfantes,
doentes da infinitude
activistas do desprezo
realeza deslumbrada
e chefes imperecíveis
do reinado cosmológico
do grande leviatã

a cavalgar como Aníbal
nas asas dos elefantes
semeando sofrimento
ao enfeitarem a vida
com serpentinas de vento...

2 - Passagem

As personagens perecem
na interioridade do ser
quando a luz se desvanece
atropelando os passos.

Depois a estrada vacila
a voz esmorece
e a rota perde a verdade
dos pontos cardiais
entre o ser e o não-ser

calando-se então o verbo
para não mais regressar
de uma vã eternidade...

3 - Magia

Com tantos amigos mortos
que se evaporaram no ar
como bolas de sabão

ou que foram engolidos
por ratoeira que abriu
a boca dum alçapão
escancarado sem luz

que ficaram para trás
mas ainda estão presentes
na memória que resiste
como Leonardo da Vinci
durante séculos escondido
sob o mural de um pintor

enquanto a vida desmaia
nas alvoradas dormentes
e eu vou seguindo a rota
que não sei onde conduz

com tão grande esvoaçar
ao longo da caminhada
nas folhas do calendário
que giram como quem gira
nos braços dum vendaval

começo mesmo a pensar
que devo ser imortal,
o que é uma maçada...

4 -A crise

O grande manitu falou
apertado pela urgência
e artes de feiticeiro
que a crise ia chegar
vinda do mundo lá fora.

Toda a gente vê agora
que a sentença apregoada
com prosápia e ligeireza
a fingir que é ciência
como outra já não há

dá ideia da magreza
com que se pensa por cá
neste vício nacional
quando se está no poleiro
de julgar original
o que todos sabiam já...

5 - Glória

Ele ganhou
tanto tanto tanto

ele poupou
tanto tanto tanto

ele espezinhou
tanto tanto tanto

que conseguiu finalmente
entre todos ser famoso
a construir um império,

um reino de Ali Bábá
resplandecente e etéreo
como outro já não há,

e é hoje sem contesto
para suprema glória,
o mais rico e poderoso
defunto do cemitério...

6 - Novos valores

Nos espaços onde o fulgor
do ouro queima o olhar

quando os homens se ajoelham
para Midas adorar,

nas trevas onde punhais
abrem trilhos na ambição

nas estradas noite cerrada
que empalidece as estrelas

a revestir a calçada
por onde passa o ladrão,

vai morrendo lentamente
o sentido da verdade

como um rio que definha
na canícula do verão

agonizando aos poucos
o pouco que ainda resta

do resto da liberdade
que se herdou da razão...

7 - Destino ilusório

A terra é astro errante
que há muito não tem céu
vagabundo em campo aberto
entre planetas mortos
no espaço sem fronteiras
das grandes narrativas.

Quem presente o indizível
sabe que nada ou ninguém
sai vivo desse lugar
de destinos ilusórios
e leitura plural

porque não há seres mortais,
como julgavam antigos
iludidos na aparência,

somente seres provisórios
entre real e irreal
a cruzar rotas de enganos

em ruptura e convergência
na mentira e na verdade
dum deserto sem caminhos,

prenúncio relativista
duma paisagem já morta
em que tudo é por igual.
e o todo já pouco importa...

8 - Imaginário

A magia está em cada objecto
à espera que o olhar lhe dê vida.

O imaginário é o possível
que desejo cumprir
quando se rasgam janelas

no espaço onde volteja
o desencanto do mundo

ou na dimensão que almeja
ir mais longe indo mais fundo.

Por isso à velha ilusão
do uso que teve um dia
o esfalfado *ver para crer*,

sobrepõe-se outra ousadia
um novo *crer para ver*,

já que também a ciência
fareja no seu caminho
o rasto de alguma essência...

9 - O ser e o tempo

O ser
vive e morre
dentro da jaula do tempo.

A duração perseguida
no horizonte do ser

é a essência transitória
do fogo fátuo da vida...

10 - Academia

A razão já não será suficiente
para governar os homens

quando os sábios forem todos,
no pátio da Academia,

varridos por arquivistas
que germinam com fervor
no milagre de Bolonha

11 - Cinismo

Dai às massas pão e circo
e governareis em paz
disse o traste
que traiçooou
o amor do risco

acrescentando que é preciso
com discrição e leveza
dar ao povo o sentimento
da sua própria impotência

para que ele não tenha ideia
de nos dar, como surpresa,
o sentimento da nossa...

12 - Morte da cultura

Nos sótãos da cultura
jaz um silêncio profundo
lá onde a morte espantou
a rebeldia do mundo

13 - Liberdade

Entre o manto opaco da ordem cósmica
e os farrapos da desordem sem destino
só um mortal que se sabe mortal
pode ter filosofia

para esculpir na cosmogonia dúctil
das províncias do sentido
a ponte que liga o Ser ao dever ser
numa intensa meditação da luz

e moldar então no barro humano
do universo trágico ou fútil
o pensamento finalmente livre

que recusa a tirania dos sistemas
e a voracidade amarga das ideias
onde mitos renascem como Fénix
no labirinto tortuoso dos dilemas...

14 - Razão instrumental

É a hora do falcão pairar
sobre ravinas escarpadas
à sombra das quais se calam aves transidas
enquanto o sol se afoga
no taciturno Inverno secular
das substâncias que perecem, esquecidas

pela razão instrumental
do pensamento feito técnica
que há muito deixou o cosmos sideral
pela instrumentalização dos homens

ao invadir os corredores da alma
na via inconfessável da metáfora que escapa ao conceito
quando as ideias escritas já não singram para lá da
morte
por entre galáxias em espaços dormentes

nem subsistem nos império ecuménicos
da ordem existencial
desde que os seres se tornaram estrangeiros de si
próprios
e o eco perdeu da voz o leal reflexo
no universo dos abismos indiferentes...

15 - Tempos actuais

O homem perdeu a natureza
mas a história permanece,

essa nostalgia cósmica do impossível
num tempo em que o tempo falta

que a voz salva do silêncio
quando faz estremecer velhas palavras

em teorias que são intuições inscritas
no universo vulnerável

da genealogia do discurso povoado
por ideias trémulas

que buscam o cimento agregativo
nas areias movediças da certeza improvável...

16 - Tomás

(Em memória do Tomás Clemente Venâncio)

Nos cimos dos montes pensativos
que amparam no seu regaço a Covilhã
brinca a alma doce e breve
do Tomás menino grande

leve como a sombra de uma pena
porque a inocência não tem peso
no despertar da luz da madrugada
que abre a porta ao destino.

Foi por isso que ele entrou no céu
como a coisa mais natural do mundo
quando os portões foram aberto por um hino
de boas vindas à inocência sem pecado

cantado pelo próprio Deus em pessoa
que queria ver o Tomás chegar,
ser que já estava perdoado
por nada haver a perdoar

17 - Instante

Vivemos sem saber o tempo do agora
que num segundo nasce e logo morre
como fogo que jorra e no mesmo instante se apaga
enquanto os relógios prosseguem
a rotina vagarosa num ciclo dormente
que inscreve o tempo sem duração
no universo vulnerável

onde o ser é o limite
e a morte não é senão
o que está escondido na vida,
nas consciências fragmentadas
que expiam com remorso a juventude...

18 - Pensamento que nos pensa

A poesia é o pensamento
que nos pensa
talvez porque a escrita
transcende a palavra dita
e subsiste para lá da morte

19 - Vertigem

A ideia é superior à alma
porque a alma nasce da ideia
num tempo em que o tempo
é apenas imagem fugidia
da cosmologia insondável
de uma eternidade vazia.

A menos que a ideia não seja ideia
mas apenas vertigem

20 - Desilusão

A lanterna de Diógenes
não encontrou nenhum homem
na quietude estelar

mas apenas a linguagem do não-dizer
no reino da incomunicabilidade
vergado ao anonimato do murmúrio

nesse vale solitário onde o eco morre
quando naufraga o ânimo do querer
e a esperança é sentimento espúrio...

21 - Limites

Não há discurso no mundo
que não seja reduzido
ao mundo desse discurso

nem ambição que ignore
limites vindos da morte

nem amor que sempre dure
se perece a duração.

A finitude é a lei
imutável do universo

que dá sentido ao destino
cavado no tempo imerso

cumprindo assim a harmonia
da união no diverso...

22 - Narcisismo

Os bardos de antanho gemiam
em poemas de paixão sobre amor
num circulo que balanceava
entre saudades que ardiam
na literatura da dor

e a morbidez dos sentidos
presa ao ego antropofágico
do morrer só por morrer
do amor só pelo amor,

etérea vacuidade
que faz os homens viver
no vazio emoldurado
que a golpes de narcisismo
sacrifica à pobre imagem
a última réstia do ser...

23 - Espuma do tempo

Imortalidade é traição
à harmonia das coisas

inútil arrogância
em recusar a morte inscrita
na ordem universal

que veladamente comanda
a trajectória do ser

no circuito letal
dos deslizes semânticos
que atropelam o diverso

em verdades que mentiram
desde a clareira dos tempos

quando os homens inventaram
nomes de deuses fortuitos

cujas promessas são espuma
a navegar sem velame
no oceano perverso

24 - Mar

Na boca aberta da onda
estão os medos ancestrais
porque a vida que se agita
cinzela a morte com ela

quando o escopro da incerteza
talha aí barcos à vela
que se vão a naufragar

na face negra pintada
em colorido de espuma
que é o sangue do mar.

25 - Epitáfio

Aqui jaz alguém
que preferia não ter ido
o que prova aos mais teimosos
que só a vontade não chega

26 - Conformismo

No império do ruído
o silêncio é uma ofensa

se arrancar das entranhas
das palavras sem sentido

o som inútil de quem
não sabe já ter morrido

27 - Claridade

Só há estrada de luz
na incerteza que ilumina
as trevas do caminho

como uma estrela pensativa
que norteia o voo rectilíneo
duma ave para o ninho...

28 - Tempo de desespero

O ente que cioso guardava
o rebanho perplexo das almas

(velhos que nunca foram novos
e jovens que já eram velhos
quando esbanjaram aos punhados
sementes de tempestades)

esse ser impalpável e ausente
desceu a encosta do sentido
e desapareceu nas brumas do rumor
onde há muito os deuses se perderam

entre a crença a razão e a dor
no desencontro que traça sem glória
o rumo desgovernado do universo
onde o abismo é uma versão do infinito

e a finitude apenas o começo
no reino do simulacro
de uma nova história

29 - Santidade

O doutor Tatibitate
de família mui famosa
visconde de tal e tal
e astro de bem pensar
nas contas de boticário

foi ministro com arrojo
na arte de calcular
finanças e numerário

em montanhas assombrosas
de palavras virtuosas
que caem bem no ouvido

com o fervor da verdade
dum ladrão arrependido
que confessa com ar sério

ou de herói de capa e espada
vingador de santidade
num mundo de despautério.

Hoje vive no descanso
com boa mesa e ripanço
fruto de umas tutelas

de tempos que já lá vão
quando estava no ofício
com denodo e sacrifício
ao serviço da Nação.
Amen!

30 - Liberdade

*Para a África martirizada
pelos tiranos da autenticidade
e outros especialistas da indiferença*

A palavra essencial
libertou-se do ruído
quando a poesia respirou
ao triunfar do instante imóvel

e deixou um rasto luminoso
no céu onde pairavam asas do sentido
a cavalgar nuvens de sangue
por entre astros à deriva

cuja sombra projectava figuras torturadas
com pregões de liberdade à solta
arrastando nas mãos descarnadas
uma justiça acabrunhada de remorsos

obrigada pela força a estar de volta
para levar o medo de vencida
quando a vontade renascer das cinzas
e se erguer na savana em labaredas

com o fulgor mágico das rubras queimadas
a iluminar planuras entorpecidas
donde voa espavorido o pássaro de Minerva
acossado pelo som e pela fúria
que na dor jorram das feridas
dos que jazem moribundos nas estradas

31 - Regresso à inocência

Talvez a infância
seja o único país
que vale a pena revisitar
por florestas de enganos
e planaltos trigueiros
que águias cor de laranja
sobrevoadas devagar
rente à copa dos sobreiros

quando no céu passam aves
a desenhar geometrias
no reino de Sherazade
e ceifeiras que entoam
no seu cantar harmonias
que rimam com a saudade

na filigrana das sombras
que vão no rasto do sol
cujos raios desgrenhados
são serpentinas de ouro

misturando a cor dos risos
e a sombra dos corações
ao colorido celeste
por onde trepam balões
que vão subindo empurrados
por olhares desesperados
dos que ficam para trás

nos recantos deserdados
de hospícios e prisões
onde gemem torturados
em qualquer beco perdido
da África ou do Tibete
a cumprir a longa pena
de injustiça e sofrimento
que mesmo aos olhos de Deus
já deixou de ter sentido.

Por isso os balões vão cheios
dum naco de fantasia
com um sopro de loucura
e outro de utopia
para atingirem com estrondo
e o fragor dum tsunami

o céu onde dormem há muito
num sono longo profundo
indiferentes santidades
que já esqueceram os homens
e o que se passa no mundo...

32 - Como outro não há...

O ex-ministro veio à janelinha
do pequeno ecrã
proclamar com emoção ao povo
que não, que não, que não,
não era culpado
de nenhum pecado
não imaculado
no negócio escuso
por onde passou
veloz como um rio
ou sopro de aragem
em ano de estio.

Foi a malandragem
que atraçouu
com velhacaria
a sua boa fé
e sempre, sempre, sempre
ética postura
erecta como um poste
de correio postal,
que nada tinha a ver
com nenhum, mas nenhum!,
paraíso fiscal.

Palavra de ministro
clara e aprumada
depois de engolir
a hóstia sagrada
já abençoada,
para garantir
que outra não há
no reino dos céus
donde vem direitinho
após tomar chá
(rigoroso teste)

na boa companhia
do anjo Gabriel
e outros funcionários
da burocracia
do espaço celeste

estando tudo em regra
na ordem legal
palavra de ministro
com sabor a mel
onde a pátria vibra
da emoção mais viva
e chama universal

na paz e concórdia
ultraliberal
que nunca foi nem é
aquela mixórdia
que desmascara
o espírito mesquinho
da triste ralé

que anda por aí
roída de inveja
e de maldizer
sempre com a mania,
como São Tomé,
de ver para crer

hábito insensato
veneno de um povo
mal agradecido
por tantas benesses
que dos seus ministros
ao longo dos séculos
ele tem recebido...

33 - Justiça do tempo

Implacáveis inimigos
as suas vidas foram
batalhas sucessivas
de todos contra todos

polémicas mortais
disputas pessoais
rancores calcinados
angústias ressentidas
e sádico prazer
na dominação
de fazer sofrer

ódios empalhados
pela ambição
de sempre mais ter
fria vendetta
sofrimento e dor
escárnio e maldizer

em anos que não passavam nunca
nesse Olimpo de opereta
ou se decorriam era tão lentamente
que nem se dava por isso...

Mas eis que de repente
para surpresa geral
depois de anos e anos de vaidade
e pomposa imortalidade
todos envelheceram por igual
com rugas cavadas
neve nos cabelos ralos
panças inchadas
doenças ou maleitas
em quartos sombrios
com camas estreitas

enquanto a vida se sumia
sem dizer que estava de partida
devagar, aos poucos, sem glória,
quando o vazio putrefacto se instalou
nos anais da história
que foi ficando cada vez mais baça
anunciando que afinal
o tempo existe e sempre passa.

Agora a natureza regressou
com o seu longo braço de justiça
e olhos vendados

cobrindo com o manto negro
a face esquelética e mortífera
do último poderoso deste mundo.

Então o silêncio abateu-se de rompante
no coração das trevas
reduzindo o clamor de tais vitórias
à dimensão pequena
dum riacho moribundo,

e já ninguém se lembra
se valeu a pena...

34 - O Grão-Vizir

Espalham almas por aí
com mal contida alegria
que já é frequentável
o Grão-Vizir Khadafi,
Aleluia! Aleluia!

Mas esquecem infelizmente
no seu querer religioso
duma fé monumental
que a palavra “frequentável”
pode às vezes ser letal

se o terreno é pedregoso
onde o sangue faz crescer
folhas do Livro Verde
nascidas das almas mortas
a penar na pradaria

onde secou o remorso
da tortura e da miséria
e a consciência se dissolve
como chuva em areal
no interior da matéria...

35 - Velhice

Quando a aurora desperta estremunhada
e as luzes descem do mastro
pelos cordames do céu,

abeira-se de nós a linha do horizonte
que já não recua infinitamente
como nos anos de juventude
que não tinham tempo marcado

mas chega com a intimidade
de um conhecimento antigo
a caminhar ao nosso encontro
com a morte de braço dado.

É então que os velhos da solidão anónima
pressentem o cheiro matricial do universo
e esperam tementes o fogo devorador
que imolará a cinza do diverso

no insondável silêncio e muda dor
das coisas passageiras sem memória
atiradas num gesto borda fora

dissolvendo a eternidade em mero pó
que tem a espessura ilusória
de uma corrente de ar

tal como folhas vacilantes
a tombar à sorte
quando a seiva as abandona

desatando o nó que une
o pensamento e a morte.

36 - Riqueza

O brilho do ouro apodrece a vida,
como a doença que mina
gota a gota a alma
até ficar exposta a ferida
ao verme que surgiu do nada
e sôfrego devora os dias

37 - Sabedoria

Não é quando sabemos
que podemos
mas sim quando podemos
que sabemos...

38 - Liberdade

O texto faz a lei
mas é o contexto
que ilumina a liberdade.

39 - Nostalgia

Ficou na clareira do sentido
o desejo que pairou imóvel
tolhido por palavras escoradas
em paredes de silêncio

enquanto o tempo passou sem regressar
como nuvem impelida pelo sopro
sobre a qual desmaia a luz
no entardecer da vontade.

Ficou a nostalgia que acompanha
o voo das aves migradoras
que fogem do bulício da cidade
e se escondem nos recantos da paisagem.

Ficou o desejo não cumprido
a dúvida amarga, perturbada,

empurrada sem rumo pela aragem
não sabendo o que devia ter sabido

durante o caminho percorrido
pela flecha do tempo à solta

que viaja sem parar em linha recta
e nunca volta...

40 - Economismo

O fantasma do *homo æconomicus*
que povoa os contos de fadas
no país dos unicórnios
e do *cæteris paribus*
que alguns habitam,

extrai a verdade das coisas
nas evasões do como
a vaguear no Olimpo da perfeição

onde o contentamento dos sábios
fia equações no céu
com teares de nuvens
velhos astrolábios
e bolas de sabão...

41 - Certezas

Para os peritos e outros
tecnocratas nascidos
nas pias baptismais
com a bênção concedida
pelo sopro divino da certeza

a dúvida será sempre
uma conspiração de punhais...

42 - Essência

A imaginação reordena
a ordem dispersa do mundo
quando a poesia é recusa
dessa furtiva miragem
onde as coisas são só coisas

pois o verbo tem a essência
no âmago da linguagem
que se esconde no discurso
em labirintos do como
na lonjura da aparência

e encontra na caminhada
a identidade do caos
essa incorrigível, rebelde,
pluralidade dos seres
numa mão cheia de nada...

43 - Paz perpétua

Moro há milénios sem glória
no olho do ciclone
por onde passam ventos
de angústias lunares
e se volatilizam destinos
nas rugas dos sentidos.

Os homens inquietos são
incapazes de expulsar a violência
essa irmã gémea da dor

talvez porque a paz perpétua
morreu nos lábios de Kant
e seja afinal um vazio
sem exterior...

44 - Compaixão

Os governos têm sempre
assolapadas paixões
por ricos e poderosos
condes, duques e barões
e outros distintos nobres

mas em vésperas de eleição
por acaso ou talvez não
às vezes também descobrem
na esquina de algum remorso
a compaixão pelos pobres...

45 - Geometria variável

A recta é o caminho mais curto
entre dois pontos.
Salvo em política...

46 - África

Corações ao alto!
rufam os tambores que rolam
pelo capim das savanas
onde vagueiam vinganças
e gritos soterrados de crianças
imoladas nas guerras do sertão.

Mas só o silêncio responde.
Os corações já não sabem
soltar “*palabres*” ao vento
nem dançar com a ilusão.

47 - Fim de tarde

No horizonte as jovens nuvens dançavam
a dança da cabra-cega
em torno da grande fogueira
cujo ardor enchia o céu
pintado de azul profundo
iluminando os olhos das crianças
que brincavam descuidadas
com a aparência do mundo.

48 - Carnaval

Desfila nas ruas ao entardecer
a efémera beleza
das moças que passam
no caminho calcetado de ilusões

com máscaras de Carnaval
que transportam sem dizer
o avesso dos sonhos já sonhados
e os sinais de cicatrizes
ainda por nascer

49 - O macaco de Darwin

*Ao Alfredo Margarido
pelos seus combates
anti-dogmáticos durante uma vida*

O bispo Richard Williamson
nega que tenha havido
o holocausto dos judeus
(dos jornais, Fevereiro 2009)

O Bispo Williamson proclamou
que a shoah nunca existiu
e que os judeus, esses maldosos
pestilentos sulfurosos,
imaginaram tudo, as maldades
nazis, a exterminação
e outros pecadilhos
de pura e torpe invenção..

Zurzido por todo o lado
corrido como os leprosos,
o Bispo arrependido
explicou com fervor
as insânias que asneou
por não ser historiador
mostrando ainda intentos
de ter a absolvição
e cumprir os Mandamentos.

De facto, que culpa pode ele ter
por não saber essas coisas?
É preciso ser-se um ás
ou incarnar nesta vida
um grande sábio ou doutor
para distinguir um forno a gás
dum modesto grelhador
ou conhecer a distância
entre um campo de concentração
e um mero jardim de infância

Impõe-se excelsa finura
e anos de leitura insana
de livros de ciência
e de arquitectura
para não confundir instalações nazis
com salões de música baiana
ou casas de alta costura...

Não sendo o Bispo doutor
na ciência da História
é, pois, bem natural
estar enganado
se não perdeu a memória.

Nesse caso a cristandade
tem a estrita obrigação,
pelo menos cá pra mim,
de lhe dar a comunhão
e de o mandar direitinho
para o seu antepassado,
o macaco do Darwin.

Porque se o homem é um asno,
tá visto que não tem culpa
porque já nasceu assim...

50 - Passagem

O tempo é volátil
como a morte,

essa incorpórea noção
do nada
que a luz atravessa e passa

fugidia sombra esquiva
que o sol persegue em vão

e se perde tal Ulisses
no mar dos significados

que o choque do tempo envolve
num instantâneo clarão.

51 - Praça da Batalha

Na carcomida Praça da Batalha
há vultos que deambulam
levados pela corrente

há estátuas petrificadas
coladas a cada esquina
com olhares mortos que fixam

um horizonte de espera
onde velas à bolina
sulcam o mar ausente

enquanto o tempo escorre
silencioso e dormente
em direcção ao rio

donde vêm gaiivotas cegas
e pássaros vadios
que roubam comida aos mendigos
no silêncio da tarde

52 - O sentido das coisas

O sentido não vai do eu às coisas
pois só o mundo é o lugar
donde vem o sentido.
Quanto a morte chega
o homem deixa de ser
e não é mais inteligível
nem pensável
porque o meio corrompe a forma
quando a matéria perece.

Mas para onde viaja o espírito
que dava à norma perdida
o seu lastro indivisível?
Como separar no pensamento
a morte da vida esvaída
se pensar não é pensar no vazio
mas pensar apenas o que *é*...

53 - Rotas desencontradas

Quantas vidas fundearam
nas águas frias do Tejo
no instante em que arribaram
das Índias e de África
os galeões de bojo inchado
com tesouros enganosos
e fantasmas acorrentados?

Quanto sangue então entrou
nas veias desta cidade?
Que cânticos profundos
ancoraram na baía
e nestes portos quedaram
a sonhar com liberdade

e quantos deles já partiram
como aves migradoras
nas rotas de sofrimento
que atravessam os mundos
sem margem para alvedrio?

Quantos homens, quantas raças
se fundiram com o tempo
em caudais tumultuosos
que seguem cursos do rio?

Fez-se a nação mas perdeu-se
a memória do antanho.
Já não há , sabemos hoje,
raças de um mundo estranho
porque as cores do arco íris
sempre estiveram lá
e a “raça” é pobre engano
quando a matéria é somente
tecido do mesmo pano.

Só restam fortes e fracos
soberbos e humilhados
que a vida desencontrou
e a morte, tal como um fio
do mais intenso metal,
a carne morta coseu
a todos por igual
quando a vida se acabou
para aqueles que construíram
o espaço fora do tempo
no sonho que aqui viveu...

54 - Ilusão cósmica

A supernova desabrochou no céu
como flor em campo azul
que entre pedras rompeu.

Traz a lonjura montada
no cavalo louco do tempo
e crinas de luz ao vento

a galopar pelo cosmos
há tantos milhões de anos,

que a distância envelheceu
o imaginário perdido

o passado que passou
e o presente que morreu
sem ter nascido...

55 - Inspiração

Só os deuses são filósofos
enquanto os homens esgravatam
nas eiras da incerteza

porque existir não é ser
e as essências universais
não são factos nem caminhos

mas tão somente sinais,
lampejo breve e furtivo
que num instante se apaga.

No final ergue-se a morte,
horizonte do pensamento.
Para lá dessa fronteira
nada mais é pensável.

56 – Crise nas vinhas onde cresce a ira

Deuses de coração irado
desceram em tropel montanha abaixo

empunhando mil estandartes
da libertação da palavra

que ao proclamar a racionalidade da dúvida
no ser-no-mundo desesperado que diz *não*

sacode a letargia das searas
onde o pânico semeia ventos desgrenhados

e desenterra mentiras na raiz
como uma lâmina de fundo

arrastando os alicerces das certezas
em discursos escorraçados

pelo ribombar do trovão
que planta vinhas onde cresce a ira...

57 – Também há crise no céu...

O homem aterrou num paraíso fiscal
depois de ter atropelado, é claro sem querer,
imensa gente
e ali viveu feliz a bronzear
até que, tristemente,
faleceu de morte natural
e surpreendido achou-se no inferno,
aquele com chamas a valer.

Esta é pelo menos a versão moral
do padre da minha freguesia
que naturalmente não sabe nada
nem do inferno nem do paraíso
por nunca lá ter ido ver
e fala por falar
por ouvir dizer
que os ricos que comem caviar
e vivem no pecado
só têm permissão de entrar no paraíso
se passarem pelo buraco dum agulha.

O que o bom vigário nunca percebeu
é que eles fazem à mesma essa viagem
alargando com destreza o tal buraco
transformando a fronteira de passagem,
que um santo imaginoso concebeu
entre este mundo e o outro,
numa auto-estrada com portagem
em direcção ao céu
visto que os automóveis já não são camelos
e agradam mais à santidade.

Ademais os ricos são uma irmandade
a merecer respeito e muito amor
humilde e piedoso
por terem criado o salário mínimo
as prestações, a propriedade,
as facturas da electricidade
o prémio milagroso
do sagrado totobola
que dá sentido ao ser,

o trabalho infantil
para ensinar o dever
(pois é de pequenino
que se torce o pepino),

os dogmas românticos da publicidade
o sexo sem lei nem pecado
onde ninguém se entende
na teologia de mercado

e privilégios sem conta
com música celestial
para o malandro do trabalhador
e sua ingrata pandilha sindical...

58 – Maturidade

Quando a brisa das horas acaricia
a face lisa do lago
cava ondas em rendilhado
rugas num tempo que parecia
ter rosto imóvel e vago

depois de perdida a frescura
da juventude de outrora
imortal na aparência
mas afinal transitória.

Ganhou porém consistência
a imagem da memória
que ficou desse passado
na caminhada futura
dum tempo enfim contado

na gramática universal
da finitude do ser
que a idade descobriu,
humanismo impregnado
no olhar que hoje envolve
o que nunca antes viu...

59 - Sismo

(Áquila, Itália 2009)

Explodiu o coração da terra
e levantou-se o espectro da morte
envolto na mortalha
com que franqueia a viagem
que amordaça o tempo
na curvatura da luz

enquanto a espera apodrece
num orvalho de lágrimas,
rio que se faz cheia
quando a vida desfalece
e o desespero se afoga
num mar de sargaços.

Dos telhados desaba então
a dor feita em pedaços.
Sobem em espiral de vento
das entranhas do pesadelo
os gritos esmagados
pela voz de Deus

ecos apavorados
que se estilhaçam na abóbada
martelada em jade
redoma do firmamento

e fazem cair estrelas
sobre os sonhos espantados
dos vivos que descobriram
as penas do sofrimento...

60 – Crise 2009

No ano de *mal-aventurança*
os accionistas do Borda d'Água
com tanto brio cotado em bolsa

choraram até molhar os pés
quando chegou o furacão
que arruinou a Primavera

porque afinal a Finança
(oh! espanto!)
não é a ciência exacta
das Tábuas de Moisés

e nesta crise voraz
mesmo a religião
deixou de ser o que era.

Vê-se em caras descaídas
onde aparece o bolor
das ideias carcomidas
quando o tempo se acelera

velhas crenças já perdidas
que abrem caminho à dor
deixando a revolta à solta
enquanto na selva cresce
o surdo rugir da fera...

61 - Bom senso

O sábio contenta-se
com verdades imperfeitas
e sabe que uma função matemática
não se toca ao piano...

62 - Alteridade

Só a consciência da alteridade
de todos os passados
abre caminho a novas tradições
e a narrativas ainda por dizer
escondidas na aparência sensível da ideia
que desenha caminhos do risco
antes nunca repensado
porque o movimento não é um estado
mas uma mudança de estado...

63 - Migrantes da morte

*“A travessia desesperada do Mediterrâneo
e da costa africana para as Canárias
em precárias embarcações superlotadas
de refugiados vindos da pobreza africana,
já fez milhares de mortos”
(dos jornais)*

É preciso pensar
nas raízes do mal
porque já não há caravelas
a irromper da bruma
na rota do sol claro
de romantismos passados.

Só há jangadas de pedra
e barças apinhadas
de gritos dilacerados
impelidos à bolina
pelo sopro do mistral
perdidos e solitários
na maré que se esvazia
para um destino sem mar

na tormentosa viagem
do rumo perplexo
que, estonteado, navega
às cegas entre baixios
semeados de granito
donde já não há regresso.

É lá que jazem os corpos
dos Cristos crucificados
Sísifos desamparados
e arco-íris de cores
vindos de costas longínquas
de desertos, de fronteiras
onde foram despojados
por polícias e ladrões
ao serviço de governos
vampiros e malfeitores
que lhes cortaram a carne
e lhes sugaram a alma,

despejados com furor
em botes superlotados
de seres e sonhos famintos
vomitados pelo mar
(que com náusea recusa
guardar assim tantos mortos
e albergar tanta dor)

nafragaram nesse mito
de longínquos eldorados
de que a mentira é obra
frente ao muro da indiferença
da responsabilidade anónima
onde a compaixão soçobra
num silêncio que treme envergonhado...

64 – Dualismos

O ser-no-mundo
é o dado primordial
na cósmica ordenação
para superar velhos dualismos
entre natureza e liberdade
entre ser e dever-ser
porque o facto da liberdade
é o facto da razão
que faz do homem um homem...

65 – Recordações

O tempo escreveu longas páginas
em pergaminhos rasgados
que vão ao sabor do vento
em asas trémulas que passam.

Corri atrás dos pedaços
à procura de lembranças
que fugiram esvoaçando.
Vi fotos descoloridas
e papéis amarfanhados
imagens ténues perdidas
no desfile de fantasmas
que num passe de magia
o sonho ressuscitou
em velhas caixas escondidas
nos alçapões da memória
que o remorso soterrou...

Vi tudo e não encontrei
nem passado nem presente.
O passado se esbateu
e o presente é ilusão:
só tarde de mais vê sentido
naquilo que já perdeu...

66 - Destino

Depois de caminhar montes e vales
vejo enfim a clareira avizinhar-se
ao entardecer do dia
quando o ruído do silêncio
desperta da letargia
onde morava o eu
e corta o fio que unia
as ambições da razão
à ilusão que perdeu...